

DOSSIÊ

LITERATURA INDÍGENA, PENSAMENTO DECOLONIAL E GÊNERO

INDIGENOUS LITERATURE, DECOLONIAL THOUGHT AND GENDER

Parem de podar as minhas folhas e tirar a minha enxada
Basta de afogar as minhas crenças e torar minha raiz.
Cessem de arrancar os meus pulmões e sufocar minha razão
Chega de matar minhas cantigas e calar a minha voz.
Não se seca a raiz de quem tem sementes
Espalhadas pela terra pra brotar.
Não se apaga dos avós - rica memória
Veia ancestral: rituais pra se lembrar
Não se aparam largas asas
Que o céu é liberdade
E a fé é encontrá-la.
(Oração pela libertação dos povos indígenas
Eliane Potiguara)

2

O dossiê 'LITERATURA INDÍGENA, PENSAMENTO DECOLONIAL E GÊNERO' surgiu ao longo da organização da **III Jornada Gênero e Literatura**, intitulada "**Vozes indígenas: cultura e resistência**", que ocorreu na Universidade Federal de Paraíba em outubro de 2019. No âmbito do evento, que envolveu a linha de pesquisa Estudos Culturais e de Gênero, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, os vários departamentos de Letras/UFPB, além de instituições internacionais (Universidade de Alberta/Canadá), através do projeto PRINT/UFPB, foram realizados debates sobre escrita literária indígena, bem como sobre teorias e críticas das literaturas americanas nativas, pelo ponto de vista do debate decolonial.

Às discussões acadêmicas somaram-se vozes e performances de povos originários, representados pelos Potiguara. Gritos, cantos, denúncias, preces, lágrimas, risos, danças de homens, mulheres e crianças potiguaras, seguidos da voz poética da escritora Eliane Potiguara abriram a Jornada Gênero e Literatura. Suas vozes de resistência e de dor guardam também a força utópica necessária para persistir na luta contra as diversas violências do continuado processo colonial, como

Ana Cristina Marinho

PPGL/UFPB. Email: anamanho@gmail.com

Liane Schneider

PPGL/CNPq/UFPB. Email: schliane@gmail.com

Luciana Deplagne

Email: eleonoracalado@gmail.com

expressam os primeiros versos do poema/oração da escritora potiguar, postos em epígrafe nesta apresentação.

Vale destacar que, para além das questões que envolvem etnia, no debate sobre literatura e cultura, os grupos nativos na contemporaneidade, em tempos pós-coloniais, sentem necessidade de discutir suas visões de mundo no que se refere a uma diversidade de outros tópicos, conforme seus pertencimentos tribais e culturais, havendo também frequentemente um viés de gênero nesse debate; isso deve-se principalmente ao fato de as mulheres indígenas terem sofrido todo o tipo de estigma e violência ao longo dos anos pós-contato com povos europeus, afinados com paradigmas outros. De fato, questões que envolvem a posse de terras, o direito às línguas nativas e práticas culturais e espirituais diversas das ainda hegemônicas, juntamente com compreensões diferentes das relações entre elementos masculinos e femininos fizeram parte da construção de uma resistência pós- ou decolonial por parte dos povos originários.

Além disso, a inegável diversidade dos povos indígenas quanto a línguas, tradições, cerimônias e costumes implicou num debate de difícil simplificação. Há grupos patrilineares e matrilineares entre as nações indígenas contemporâneas e, assim, o lugar ocupado por mulheres e homens nas comunidades é bastante diferenciado, já que a forma como o gênero, questões de poder, práticas históricas e a própria colonização afetaram e afetam esses sujeitos varia consideravelmente. Ainda assim, defendemos que os processos de colonização dos povos nativos invariavelmente incentivaram a autoridade masculina e a centralização de poder, fatores esses associados à crescente violência contra as mulheres indígenas nas Américas.

Andrea Smith (2005, p.9), especialista em estudos nativos, aponta em sua pesquisa que “os colonizadores perceberam desde sempre a subjugação das mulheres nativas como determinante para o sucesso do processo econômico, cultural e político de colonização”. Emma LaRocque (1996, p.12), canadense *Métis*, defende existir uma relação direta entre estereótipos racistas e sexistas e a violência contra mulheres e meninas indígenas. A desumanização dessas mulheres em muitas representações culturais pós-colonização, teve efeito bastante negativo em tempos mais contemporâneos na autoimagem das nativas e na relação dessas com os homens, indígenas ou não. A autora destaca que a palavra “*squaw*” representou a objetificação das nativas não apenas como mulheres, mas como mulheres indígenas, formando o grupo que mais perdeu status nas Américas enquanto o colonialismo avançava. Essa objetificação, carregada de estereótipos racistas e sexistas, continua atuando na perpetuação da violência direcionada às indígenas até o presente (LA ROCQUE, 1994, p.74).

Joyce Green, em *Making space for Indigenous Feminism* (2007, p. 20) aponta as dificuldades ou resistência que muitas mulheres indígenas ainda enfrentam ao tentar nomear sua prática como ‘feminista’, já que diversas dessas acreditam que o feminismo estaria mais vinculado ao discurso de mulheres (brancas), provavelmente já empoderadas devido a sua inscrição étnico-racial, sendo esse de pouca serventia

para a resolução de seus problemas específicos. Algumas dessas ainda acreditam que tal opção, quando explicitada, significaria praticamente uma traição aos seus grupos de origem, bem como um abandono das lutas coletivas de homens e mulheres indígenas por objetivos comuns. Contudo, após vivenciarem a opressão colonial e patriarcal tanto na sociedade antes colonial quanto em suas próprias comunidades, muitas mulheres percebem a importância de lutar por seus direitos como mulheres nativas, pretendendo discutir como o sistema de gênero importado para esse continente as afeta. Green (2007, p. 23) ressalta que “os estudos indígenas de cunho feminista aproximam dois discursos críticos – o feminismo e o anti-colonialismo, mostrando como os povos aborígenes e, em especial, as mulheres indígenas, são afetadas pelo colonialismo e pelo patriarcado”.

Andrea Smith, concordando com Green, também reconhece certa dificuldade por parte de algumas indígenas em aceitarem o termo ‘feminista’ e adotarem essa postura em suas vidas práticas e suas posições teóricas. De toda a forma, Smith (2007, p.97) defende que “independentemente de sua origem nas comunidades indígenas ou fora dessas, o sexismo opera com força total nos dias de hoje nas tribos e, portanto, faz-se necessário criar estratégias para tratar dele diretamente”. A autora destaca que a violência enfrentada por mulheres indígenas não vem somente de fora da comunidade, já que a taxa de morte dessas devido à violência doméstica é duas vezes mais altas do que aquela que atinge o restante das mulheres canadenses, por exemplo, contexto em que a autora está inserida. Portanto, Smith defende que não se pode mais lutar apenas pela descolonização, e sim, faz-se necessário lutar contra a violência de gênero de forma ampla, já que foi

(...) através da violência sexual e da imposição de relações de gênero europeias em comunidades indígenas que os Europeus conseguiram colonizar os Povos Nativos desde os primeiros contatos. Caso mantivermos tais sistemas patriarcais de gênero, não conseguiremos descolonizar e tampouco afirmar nossa soberania. (SMITH, 2007, p.100)

Verna St. Denis, em “Feminism is for everybody” (2007, p. 40), defende que suas análises e compreensões quanto à desigualdade e injustiça social foram enormemente enriquecidas pela pesquisa feminista produzida por mulheres em geral, e pelas mulheres de cor, em particular. Portanto, considera que as indígenas envolvidas nos estudos nativos e na educação aborígene não podem mais negar a relevância do importante corpo de pesquisa, análise e ativismo que o feminismo lhes oferece. A autora destaca que praticamente todos indígenas da atualidade foram, de alguma forma, marcados pela colonização. As escolas e igrejas tiveram papel determinante ao produzir e reproduzir ideologias sobre o que significa ser um homem ou uma mulher, ou mesmo uma família na atualidade. A maior parte dessa ideologia, prejudicial aos não-europeus, não foi imposta pela força, mas “pelas ideias do senso comum constantemente repetidas nas práticas diárias pós-colonização” (ST. DENIS,

2007, p.41). Nesse sentido, a autora vê como muito positivo o fato de “cada vez mais mulheres aborígenes estarem começando a se identificar como feministas, ou pelo menos, com alguns dos objetivos do feminismo, tais como a luta pela erradicação da violência contra mulheres e crianças” (p.50).

Dessa forma, buscamos nesse dossiê apresentar textos que discutem os confrontos culturais entre esses mundos – representados por diferentes nações indígenas que resistem às imposições das forças – antes coloniais, hoje pós-coloniais – no campo da literatura e cultura. Os textos das conferências e palestras apresentados durante o evento foram, assim, encaminhados para compor esse dossiê, além de alguns outros que se agregaram à proposta posteriormente. Voltando-se para um pensamento decolonial de crítica ao discurso hegemônico do eurocentrismo, sem tampouco desconsiderar algumas contribuições já consolidadas da área de gênero, da antropologia, da filosofia, da crítica literária, o dossiê compõe-se de seis textos que discutem aspectos teóricos e culturais, envolvendo o contexto nacional e de outros territórios reais ou imaginários das Américas.

O dossiê se inicia com o texto da professora estadunidense, atualmente radicada no **Canadá, atuando na Universidade de Alberta, Laura J. Beard**, com base em sua conferência de abertura da **III Jornada Gênero e Literatura**, intitulada **Resistência, resiliência e ressurgência: perseguindo os erros nos estudos literários indígenas**. A professora e pesquisadora dos estudos indígenas explora as possibilidades de resistência e resiliência visibilizadas em textos de autoria indígena na contemporaneidade no contexto norte americano, indicando um caminho promissor no sentido de aprofundar temas difíceis dos tempos atuais, possivelmente podendo oferecer novos mapas para tais questões espinhosas.

A professora Dra. **Rubelise da Cunha (FURG)**, em seu texto **A Retomada Indígena dos Territórios do Saber: *The Thunderbird Poems***, de Armand Garnet Ruffo, costura uma aproximação entre a poesia e as artes plásticas, como um ato de retomada cultural realizada pelo poeta Ruffo a partir das pinturas de Morrisseau, ambos nativos Anishnaabe, construindo, segundo a autora, uma “performance coletiva de retomada dos saberes indígenas”.

Ainda no âmbito da literatura canadense, o texto do professor Dr. Roland Walter (UFPE/CNPq), intitulado **Literatura Indígena e Des/Colonização: *La Saga des Béothuks de Bernard Assiniwi***, problematiza como esse autor emancipa *la memória sequestrada* (Galeano) dos Beothuks por meio de uma mitopoética que revela e discute um dos aspectos do passado atrelado ao genocídio desse povo nativo canadense.

O dossiê prossegue com o texto **Um debate sobre feminismos decoloniais e suas repercussões para pesquisas em povos indígenas no Brasil**, do Professor Dr. **Estevão R Fernandes (UFRO)**, no qual esse apresenta um debate sobre os feminismos decoloniais a partir da discussão acadêmica sobre colonialidade e gênero (conforme Ochy Curiel e Breny Mendoza). A discussão perpassa questões que envolvem as mulheres indígenas e o movimento LGBTIQ indígena no Brasil, visando atualizar esse debate teórico no contexto nacional.

Os dois textos seguintes põem em relevo obras da escritora nativo-americana Louise Erdrich. A professora Dra. **Monaliza Rios Silva (UFRPE)**, em **Tecendo *tricksters*: multivocalização narrativa e animalização em *The Antelope Wife*, de Louise Erdrich**, propõe, a partir de um recorte de um estudo mais longo desenvolvido em sua tese, a discussão da categoria *trickster* e suas possibilidades de agenciamento no romance da nativo-americana Louise Erdrich, *The Antelope Wife* (1998), discutindo o lugar de nativo-americano e a decolonialidade.

Por fim, **Marcos Vinícius da Costa**, mestre pela UEM, e **Professora Dra. Alba Krishna T. Feldman (UEM)** apresentam o texto **A representação mítica, simbólica e física da mulher indígena em *A Casa Redonda*, de Louise Erdrich**, destacando a presença de alguns símbolos, que são elementos fundamentais em sua obra, manifestando marcas culturais e espirituais. A mulher indígena é ali discutida em três frentes: a dimensão social ou real, a dimensão mítica ou da tradição e a dimensão simbólica. O entrelaçamento entre essas três dimensões é analisado no romance em foco.

As reflexões que fomentaram os debates da III Jornada Gênero e Literatura encontram-se reunidas neste dossiê, com um propósito decolonizador de pôr em evidência culturas e os fazeres literários dos povos originários a partir de suas próprias vozes, apontando seus escritos como forma de resistência/existência. Que o diálogo, proposto no âmbito do evento ocorrido na UFPB em 2019, continue e outros dossiês sobre a temática sejam organizados no contexto dos periódicos nacionais.

Finalizamos a apresentação com votos de que as discussões aqui levantadas possam colaborar na escavação de novos caminhos do pensamento decolonial que buscam responder algumas inquietações acerca do sentido da Literatura, como aponta o escritor uruguaio Eduardo Galeano, em *Dias e noites de amor e de guerra* (2018: p.194):

Escrever tem sentido? A pergunta me pesa na mão. Se organizam alfândegas de palavras. Para que nos resignemos a viver uma vida que não é nossa, nos obrigam a aceitar como própria uma memória alheia. Realidade mascarada, estória contada pelos vencedores: talvez escrever não seja mais uma tentativa de pôr a salvo, em tempos de infâmia, as vozes que darão testemunho de que aqui estivemos e assim fomos. Um modo de guardar para os que ainda não conhecemos, como queria o poeta catalão Salvador Espriu, “o nome de cada coisa”. Quem não sabe de onde vem como pode averiguar aonde vai?

Referências

GALEANO, Eduardo. **Dias e noites de amor e de guerra**. Tradução de Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2018, p.194-195.

GREEN, Joyce (ed.). **Making space for Indigenous Feminism**. Winnipeg: Fernwood Publishing / Zed Books, 2007.

LAROCQUE, Emma D. **Violence in Aboriginal Communities**. Ottawa: U of Manitoba Press, 1994.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, metade mascara**. São Paulo: Global, 2004. (Série visões indígenas / Direção de Daniel Munduruku), p.35-36.

ST. DENIS, Verna. Feminism is for everybody. In: GREEN, Joyce (ed.). **Making space for Indigenous Feminism**. Winnipeg: Fernwood Publishing / Zed Books, 2007, p.33-52.

SMITH, Andrea. Native American feminism, sovereignty and social change. IN: GREEN, Joyce (ed.). **Making space for Indigenous Feminism**. Winnipeg: Fernwood Publishing / Zed Books, 2007. p.93-106.